

A GESTÃO IMAGINAL DE PABLO VITTAR NO ESPETÁCULO MIDIÁTICO DAS VISIBILIDADES.

Marcio Silva Peixoto, Fábio Pezzi Parode

A ascensão de Pablo Vittar à categoria de "ícone LGBT" do Brasil tem sido marcada por disputas em torno dos processos de significação da imagem pública da artista. Dentre as várias disputas discursivas, estão as que giram em torno do caráter identificatório de gênero de Pablo Vittar, que, muitas vezes, operam de forma obstrutiva em relação às multiplicidades do seu devir drag. A partir da análise das publicações digitais das revistas nacionais "IstoÉ" (2018) e "GQ Brasil" (2020), que categorizaram a artista, respectivamente, como "Mulher Mais Sexy" e "Homem do Ano", aponto a mídia tradicional como uma das tecnologias de gênero (TERESA DE LAURETIS, 2019) atuantes na gestão e no controle dos imaginários culturais e midiáticos em torno da artista. Por meio de operações alterizantes que demarcam e estigmatizam a dissidência (STUART HALL, 2016) e que reforçam a ideologia dominante e os universos simbólicos relacionados ao feminino e ao masculino, e da conversão da figura da drag queen (JUDITH BUTLER, 2003) em visibilidade consumível (MARIE-JOSÉ MONDZAIN, 2017), essas tecnologias de gênero atuam como dispositivos à serviço de uma ideologia hegemônica, interditando devires insurgentes e potencialmente danosos aos axiomas intransigíveis do neoliberalismo (FÉLIX GUATTARI, 2004). Conclui-se que a polivalência da imagem da drag queen é apropriada pelas publicações de forma a reforçar a ideologia dominante do binarismo de gênero, reduzindo e ancorando a diferença de forma estereotípica e enrijecendo imaginários pré-existentes.

Palavras-chave: Drag queen. Tecnologia de gênero. Visibilidade. Neoliberalismo.